

“SUBSTÂNCIA” – JOÃO GUIMARÃES ROSA ANÁLISE

Gabriel VICENTINI ¹

Laura Helena Rossetti FERREIRA ²

Luís Carlos Garcia DERAMIO ³

RESUMO

Este trabalho pretende apontar características temáticas e estilísticas do conto “Substância”. Tal análise será empreendida a partir de fragmentos da obra nos quais se poderá observar a presença de traços típicos da terceira geração do Modernismo (geração de 1945) unidos à estética inovadora de Guimarães Rosa – autor consagrado como um dos maiores nomes da Literatura Brasileira. Nesses excertos, explorar-se-ão possíveis significados da cor branca, a qual, sem dúvida, levará à temática do conto; além disso, pretende-se analisar a linguagem rosiana, que é expressiva e simbólica, para retratar um mundo sertanejo recriado pela expressão literária, mítico e metafísico.

PALAVRAS-CHAVE

Modernismo. Guimarães Rosa. Conto. Primeiras Estórias. Tema e Estilo.

Introdução

Para a elaboração do presente trabalho, partiu-se do princípio de que o campo semântico do conto “Substância” compõe-se pela presença de figuras brancas as quais fazem referência a elementos como a pureza, a candura e a elevação espiritual.

¹Especialista em Literatura – FIRA-Faculdades Integradas Regionais de Avaré–Avaré-SP–Brasil –gabriel.vicentinni@hotmail.com

²Especialista em Literatura – FIRA-Faculdades Integradas Regionais de Avaré–Avaré-SP–Brasil –laurarossetti@hotmail.com

³Especialista em Literatura – FIRA-Faculdades Integradas Regionais de Avaré–Avaré-SP–Brasil –luiscarlosderamio@hotmail.com

Tal hipótese encontra amparo teórico, como se pode notar: “é uma cor de passagem, [...] e é justamente a cor privilegiada desses ritos, através dos quais se operam as mutações do ser, segundo o esquema clássico de toda iniciação: morte e renascimento” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988, p. 141).

Trata-se da cor associada, no conto em questão, às figuras de Maria Exita e Sionésio, tendo-se em vista que, quando aquela é apresentada na obra, possui uma família e um passado “sujos”, os quais a condenam, como uma espécie de predestinação, a um futuro igualmente “impuro”. Quanto a Sionésio, mostra-se como um homem visionário e empenhado em sua plantação (único meio lucrativo na região), mas muito ensimesmado e fechado com relação aos seus sentimentos. No decorrer da narrativa, ambos passam por um processo de regeneração, de purificação (“morrem e renascem”) e acabam juntos em um final feliz.

Para tal finalidade, serão utilizadas algumas das características pós-modernistas da “geração de 45”, momento em que se aprofundaram estudos sobre o regionalismo e, em função disso, elaboraram-se também pesquisas sobre o uso da linguagem e as possibilidades de renovação (ou reinvenção) do estilo. Além disso, foram introduzidos, mais profundamente, no âmbito literário, os conflitos do homem com seu meio e principalmente consigo mesmo, ou seja, produzem-se obras com alta densidade psicológica, conforme reforça Alfredo Bosi:

As pontas da lança (João Cabral e Guimarães Rosa) não estão isoladas: inserem-se num quadro rico e vário que atesta a vitalidade da literatura brasileira atual. [...] Escritores de invulgar penetração psicológica [...] têm escavado os conflitos do homem em sociedade, cobrindo com seus contos e romances-de-personagem a gama de sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa. E o fluxo psíquico tem sido trabalhado em termos de pesquisa no universo da linguagem. (1994, p. 388).

É nesse movimento que se enquadra a obra **Primeira Estórias**, na qual está inserido o conto em questão: “Substância”. O livro em si é pequeno, composto de narrativas curtas, mas foi lançado para causar grandes revoluções (linguísticas e temáticas). Todo o volume retrata, através de uma atmosfera alegórica, histórias que se passam num ambiente com o qual o leitor vai se identificando, e o autor, com singular habilidade, vai aproximando a ficção da realidade por meio do diálogo com a tradição popular e o mito – tudo expresso numa linguagem absolutamente original, um “dialeto literário”.

Vi que já notou a dificuldade dele. É que, sendo pequeno, de estórias tão curtas, exige uma tradução muito meticulosamente afinada, [...] Muito mais que uma coleção de estórias rústicas, o ‘Primeiras Estórias’ é, ou pretende ser, um manual de metafísica e uma série de poemas modernos. Quase cada palavra, nele, assume pluralidade de direções e sentidos, tem uma dinâmica espiritual, filosófica, disfarçada. (ROSA. In.: NASCIMENTO e COVIZZI, 1988, pp. 52-53).

Por meio de poucas palavras (estórias curtas), Guimarães Rosa consegue criar um universo denso e com profundidade psicológica que faz o leitor pensar sobre a existência, o tempo e as muitas facetas que o destino pode ter e propor, do que resultam recorrentes e significativas reflexões a todo momento. Palavras provindas de neologismos e combinações semanticamente paradoxais compõem traços singulares de utilização da língua pelo autor mineiro que, assim, também “purifica” uma modalidade de expressão cujo labor resulta em exemplo de elevado grau de elaboração artística.

Análise

Todo o enredo de “Substância” é motivado pelo embate no qual Sionésio se vê envolvido entre a aparência e a essência. O confronto presente na narrativa se inscreve entre o amor que sentia por Maria Exita e as relações do dinheiro impostas pelo trabalho com a produção do polvilho, a qual, em breve, cessará, já que o produtor compreende que o sentimento nutrido pela moça é mais forte e satisfatório do que lhe proporciona o cultivo daquele elemento. A partir de então, Sionésio não mais trata o produto com a mesma austeridade e importância de antes, mas como um “brinquedo de menino”. A mulher desperta em Sionésio algo nunca experimentado, e o homem compreende qual das satisfações lhe será realmente benévola, escolhendo o amor.

Assim; mas era também o exato, grande, o repentino amor — o acima. Sionésio olhou mais, sem fechar o rosto aplicou o coração, abriu bem os olhos. Sorriu para trás. Maria Exita. Socorria-a a linda claridade. Ela — ela! Ele veio para junto. Estendeu também as mãos para o polvilho — solar e estranho: o ato de quebrá-lo era gostoso, parecia um brinquedo de menino. (ROSA, 2008, p. 211).

Clenir Bellezi Oliveira, retomando avaliação crítica de Nelli Novaes Coelho, faz o seguinte apontamento acerca desse embate:

[...] a personagem de Rosa é um homem ‘organicamente integrado no universo, e vórtice (redemoinho) em que confluem forças contraditórias’. Essa personagem passa por uma crise existencial profunda, ou por uma sucessão delas, que a faz rever o seu ser e estar no mundo e, ao mesmo tempo, confrontar-se com o universo concreto, com aquilo que lhe é externo. (2002, p. 353).

Sionésio passa exatamente por essa transformação, até compreender o que efetivamente o levará à felicidade. Pode-se dizer que, “purificado” dos pensamentos anteriores, deixa vir à tona, à sua superfície de ser, um renovado modo de viver – um universo de novos afetos desencadeados pela mulher.

O processo pelo qual o amor de Sionésio e Maria Exita tem de passar possui grande semelhança com o polvilho:

Sim, na roça o polvilho se faz a coisa alva: mais que o algodão, a garça, a roupa na corda. Do ralo às gamelas, da masseira às bacias, uma polpa se repassa, para assentar, no fundo da água e leite, azulosa — o amido — puro, limpo, feito surpresa. (ROSA, 2008, p. 205).

Para se fazer claro e límpido, o pó precisa ser submetido a um longo procedimento que requer tempo e esforço – trabalho elaborado pela protagonista no conto, o de “quebrar à mão o polvilho”. Assim também ocorre com o sentimento do casal, que, para poder ser concretizado de maneira sublime, precisa ultrapassar preconceitos, diferença social e problemas evidentes desde o início da estória.

É de se notar o propósito das escolhas lexicais no excerto – a caprichosa relação entre as palavras que caracterizam o polvilho: “coisa alva”, “algodão”, “garça”, “roupa na corda”. Ressalte-se ainda a recorrência à vogal “a”, aberta, sugerindo o translúcido, o movimento de elevação necessário ao processo em decorrência – preciosismo fonético-semântico empregado intencionalmente pelo autor.

A insistente referência à alvura do polvilho e a dificuldade de extraí-lo metaforizam o processo de depuração a que se deve submeter o sentimento, para fortalecê-lo. Para conseguir um produto da melhor qualidade, era necessário malhar a tapioca nas lajes de uma pedreira. (CASTRO, 1993, p. 56).

A dúvida que permeia o conto resulta de um determinismo que pesa sobre a vida de Maria Exita e assombra-a (como também àqueles que a têm por perto) desde menina: trata-se do medo de que se tornasse aquilo que sua família era.

Tal situação faz com que Sionésio reflita sobre a possibilidade de aquela “pureza” de Maria Exita desaparecer nas peles escamosas de uma lepra, como a de seu pai, ou numa

mente perturbada, como fora a de sua mãe; contudo, apesar de suas dúvidas, eis que o sentimento supera a razão e o instinto de ser feliz rompe com o destino há muitos anos traçado pelos comentários e pensamentos alheios. Maria Exita e Sionésio, elevando-se a vulgar julgamento, delineiam seus destinos pelas próprias escolhas:

De um susto vindo de fundo: e a dúvida. Seria ela igual à mãe? —surpreendeu-se mais. Se a beleza dela — a frutice, da pele, tão fresca, viçosa — só fosse por um tempo, mas depois condenada a engrossar e se escamar, aos tortos e roxos, da estragada doença? — o horror daquilo o sacudia. (ROSA, 2008, p. 211).

De acordo com Borges Filho e Pinto, o preconceito que girava em torno da família de Maria Exita provocou dúvidas em Sionésio, mas, em nome de “algo maior”, acaba superado, dando início a algo novo, um sentimento que nascera de repente e que os faz transcender suas origens, olhando juntos ao que é visível e positivo à vida, agora num só corpo e num só coração: “coraçõemente”. Esta última palavra está devidamente explicada em “O Léxico de Guimarães Rosa”, de Nilce Sant’Anna Martins: “Com todo o coração, em estreita fusão de sentimentos” (2001, p. 134).

Essa dualidade que passa pela vida de Maria Exita é também sugerida por meio da escolha de seu nome: Maria conota a ideia de pureza, tendo por referência um ícone da mitologia cristã – a Virgem, Mãe de Cristo; e Exita pode tanto nos remeter a “hesitação” (ato de indecisão sobre aquilo que se quer) – sugerida na dúvida presente nas pessoas e no próprio Sionésio sobre como seria o futuro da moça quando pensam em sua genética –, quanto a “êxito” (resultado bem sucedido de um determinado projeto) – o que aponta para o final promissor do casal. Note-se a curiosa aproximação fonética provocada pela palavra “Exita” a indicar que o processo de transformação são as vivências compreendidas entre a hesitação e o êxito, ou o medo e a feliz descoberta.

O autor estabelece, assim, uma relação metonímica entre o método aplicado e o produto obtido, simbolizando na brancura a lapidação espiritual de Maria Exita (nome ambíguo, que sugere o significado de hesitação e êxito, simultaneamente), cujos olhos parecem possuir uma “outra luminosidade”. (CASTRO, 1993, p. 56).

“Substância” é um conto cuja temática está absolutamente associada ao título, o qual pode significar, de acordo com o Dicionário Escolar Língua Portuguesa da ABL: “2. Elemento composto que apresenta uma forma homogênea” (2008, p. 1204) ou “4. Parte principal de algo, alma, essência” (2008, p. 1204). Isto é, as duas definições servem para

ilustrar a estória de Maria Exita – moça julgada por um determinismo devido a “manchas” do passado da família, mas que mostra ser completamente o oposto – nesse caso, degenera aos seus, purificando a substância humana que tem e que é:

Resguardavam a seus graves de sangue. Temiam a herança da lepra, do pai, ou da falta de juízo da mãe, de levados fogos. Temiam a algum dos assassinos, os irmãos, que inesperado de a toda hora sobrevir, vigiando por sua virtude. Acautelavam. (ROSA, 2008, p. 209).

Apesar de todos os pré-conceitos que a cercavam, a protagonista consegue mostrar-se pura, livre de tudo, sendo boa, sublime, extirpando, por meio de apurado processo, os traços genéticos; eleva-se:

A Maria Exita. Sabia, hoje: a alma do jeito e ser, dela, diversa dos outros. (ROSA, 2008, p. 208).

A esse respeito, Bolle explica o uso de um elemento mítico como símbolo de purificação, algo que ajuda a esclarecer aos leitores quem é Maria:

Como aceitar numa estória tipo “Substância” a mitificação do polvilho, essa “estetização da mandioca” (no entanto básico e quase que único produto de alimentação de grande parte daquela região)? É o polvilho, “a ardente espécie singular, secura límpida, material arenoso” (PE, p.154) que “purifica” a mancha da pobre Maria Exita. (1973, p. 94).

Ressalte-se que o caminho possível para tal redenção – e também de Sionésio – é o amor, sentimento que se contrapõe a tudo que representa, de forma grotesca, a herança genética a que poderia estar sujeita (ou fadada) a moça.

Assim, com relação à função do polvilho na obra, definida por Bolle, não é direcionada apenas a Exita, mas também a Sionésio, tendo-se em vista o fato de que o agricultor colocava a profissão em primeiro plano, e é através da purificação da mulher que lhe será revelado o que realmente é importante na vida:

Plantava à vasta os alqueires de mandioca, que ali, aliás, outro cultivo não vingava; chamava e pagava os braços; espantava, no dia-a-dia, o povo. Nem por nada teria adiantado atenção a uma criaturinha, a qual. Maria Exita. Trouxera-a, por piedade, pela ponta da mão, receosa de que o patrão nem os outros a aceitassem, a velha Nhatiaga, peneireira. (ROSA, 2008, p. 206).

Salteou-se. Sem ela, de que valia a atirada trabalhadeira, o sobreesforço, crescer os produtos, aumentar as terras? Vê-la, quando em quando. A ela — a única

Maria no mundo. Nenhuma outra mulher, mais, no repousado; nenhuma outra noiva, na distância. (ROSA, 2008, p. 210).

Diante da revelação desse sentimento de Sionésio por Maria, arquitetase a típica composição do ideal do mito presente nas histórias de contos de fadas – e assim se vai desenhando no conto o mitopoético: matéria que excede as implicações chãs e comuns e se inscreve no “causo”, na lenda vazada em linguagem de requintado labor.

Estamos em plena atmosfera de conto de fadas, em que o rico se casa com a mais humilde de suas criadas. Mas a representação de um mundo “são e salvo”, já observou Lukács, não mais oferece margem para a realização artística. (BOLLE, 1973, p. 94).

— “Você, Maria, quererá, a gente, nós dois, nunca precisar de se separar? Você, comigo, vem e vai?” Disse, e viu. O polvilho, coisa sem fim. Ela tinha respondido: — “Vou, demais.” (ROSA, 2008, p. 212).

O excerto acima mostra ao leitor de Rosa como Sionésio abdica das coisas materiais que outrora valorizava (sua fazenda, a plantação de mandioca e a produção do polvilho) para atar sua vida à de Maria Exita; Sionésio passa por um processo de elevação em que o amor pela moça que trabalhava em sua fazenda é mais forte que a sua, até então, limitada realidade cotidiana. Sobre a elevação supracitada, Clenir Bellezi de Oliveira comenta:

[...] os apaixonados, tocados pelo encantamento do amor, funcionam como agentes epifânicos, como portadores de iluminações, pois conseguem manter contato com o transcendente, com aquilo que a razão e o materialismo não explicam. (2002, p. 356).

O final feliz, além de ter essa representação mítica, ainda sugere, de maneira concreta, a transcendência pela qual o casal passa, o que lhes propicia a vivência do amor de maneira plena, imaculado, livre dos preconceitos estigmatizados pela voz popular do passado. Isso fica evidente com o desfecho do conto:

Avançavam, parados, dentro da luz, como se fosse no dia de Todos os pássaros. (ROSA, 2008, p. 212).

Rosa, nessa passagem, utiliza interessante paradoxo para mostrar que o casal continuaria sua vida sempre junto, sem grandes modificações, pois o amor já lhes bastava (“Avançavam, parados”) – um jeito recriado pelo autor para aludir ao clichê “viveram

felizes para sempre”. Vale ressaltar ainda que o autor utiliza a figura do pássaro, assim definido, de acordo com o Dicionário de Símbolos e Imagens Oníricas:

Simboliza de modo geral as entidades psíquicas de caráter intuitivo e mental, pois é considerado como uma entidade sem corpo e alada. É um apropriado símbolo da transcendência. Pode ainda estar representando o SELF que surge como um princípio único, uma intuição da totalidade oriunda das profundezas do inconsciente. Por vezes é associado aos pensamentos autônomos que nos surgem para depois desaparecerem com relativa autonomia. É uma intuição profunda, a verdade invisível que se auto-realiza. (<https://ahau.org/psicanalise-dicionario-de-simbolos-sonhos>).

Ou seja, os dois conseguirão concretizar o amor de maneira completa devido à sublimação pela qual passaram, fazendo-se substâncias que atingem, pelo aperfeiçoamento, a plenitude de suas existências.

Pode-se dizer que a idealização (ou mitificação) presente no conto mais que justifica, senão exige, o uso de neologismos para expressar matéria tão “indizível” e elevada. É como se novas palavras e excêntricas sugestões advindas de aproximações fonéticas e semânticas suprissem uma espécie de falta vocabular para descrever determinadas sensações, grandiosas, sentimentos metafísicos, como as palavras “pensamor” e “coraçõemente”, por exemplo.

O advérbio cordialmente, já gasto, até burocratizado, não podia satisfazer ao tom lírico desejado pelo autor. Criou então essa fórmula insólita em que o substantivo-radical é preservado na sua inteireza [...] “coraçõemente ficou mais concreto, direto, quente e imediato que cordialmente” [...]. (MARTINS, 2001, p. 134).

É assim que o “alquimista das palavras” encontra soluções linguísticas que expressam poeticamente a vida de personagens de um “ser – tão” que está dentro da gente, dentro das suas pequenas grandes estórias.

Considerações finais

A presente análise ratifica a importância de Guimarães Rosa como uma das figuras mais importantes do experimentalismo formal presente nos escritores da geração de 45 do nosso Modernismo.

Como Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto, o autor mineiro dedica-se a uma cuidadosa e bem sucedida tarefa de reelaboração da linguagem literária, valendo-se de expedientes artísticos utilizados de maneira extremamente original: a recriação da

linguagem do sertanejo, o uso recorrente de neologismos, a exploração das potencialidades sonoras do idioma, além de uma abordagem profunda de questões aparentemente banais ou cotidianas, transformadas por ele em matéria mitopoética. Tais elementos encontram-se em “Substância”.

É desse modo que Rosa dá novo fôlego ao regionalismo em nossas letras, fazendo de suas estórias narrativas plenas de significado humano a sondar a metafísica de criaturas que poderiam viver em qualquer espaço, em qualquer tempo – e está fundada a expressão literária mais original do regionalismo universalizante.

ABSTRACT

This work aims to point out thematic and stylistic features of the “Substância” (“Substance”) story. This analysis will be undertaken from fragments of the work in which the presence of typical traits of the third generation of Modernism (1945 generation) together with the innovative aesthetics of Guimarães Rosa - author consecrated as one of the greatest names in Brazilian Literature. In these excerpts, possible meanings of the color white will be explored, which will undoubtedly lead to the theme of the short-novel; in addition, we intend to analyze the language of Rosa, which is expressive and symbolic, to portray a *sertanejo* world recreated by literary, mythical and metaphysical expression.

KEY WORDS

Modernism. Guimarães Rosa. Short-novels. Primeiras Estórias (First Stories). Theme and Style.

Referências

BOLLE, Willi. Fórmula e Fábula – teste de uma gramática narrativa aplicada aos contos de Guimarães Rosa. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BORGES FILHO, Oziris e PINTO, Daniele E. da Silva. Espaço e personagens em Substância, conto de Guimarães Rosa. Todas as Musas. 2015.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 47 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CASTRO, Dácio Antônio de. Primeiras Estórias – Roteiro de leitura. São Paulo: Ática, 1993.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

Dicionário escolar da língua portuguesa / Academia Brasileira de Letras. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

Dicionário de Símbolos e Imagens Oníricas. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://ahau.org/psicanalise-dicionario-de-simbolos-sonhos/> Acesso em: 24/06/2017.

NASCIMENTO, Edna M. dos Santos e COVIZZI, Lenira Marques. João Guimarães Rosa – Homem Plural Escritor Singular. 1 ed. São Paulo: Atual, 1988.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. O Léxico de Guimarães Rosa. São Paulo: EDUSP, 2001.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi. Arte Literária Brasileira. São Paulo: Moderna, 2002.